

Um pacto ético para a saúde

ALEXANDRE ADLER

Autoridades, empresários e economistas pregam um prazo de seis meses para que o mercado se ajuste ao novo cenário provocado pela mudança cambial. Um economista, em artigo publicado em jornal de grande circulação, observou que "na falta de saber o que fazer, procura-se simplesmente ganhar tempo".

O questionamento necessário é que alguns colocam esse tempo para elaborar caminhos e buscar soluções, enquanto outros o utilizam para obter ganhos especulativos.

Na área da saúde, num país com as peculiaridades do Brasil, a população é assistida pelas entidades públicas, pela iniciativa privada e por instituições comunitárias, e ainda temos uma massa de desassistidos.

Nos últimos anos de globalização, houve um incremento acelerado de conhecimentos científicos e tecnológicos e muito se investiu em instalações, equipamentos, materiais de consumo e aprimoramento de profissionais. Com isso, conseguimos hoje detectar mais precocemente doenças anteriormente diagnosticadas apenas em fases tardias e irreversíveis, onde nada mais poderia ser feito para melhorar as possibilidades dos pacientes. Esses progressos garantem uma maior quantidade de vida, mas, sobretudo, uma melhor qualidade de vida das pessoas.

Grande parte desses novos insumos é de produtos importados, incluindo material de laboratório, filmes radiológicos, cateteres especiais para uso hospitalar, medicamentos específicos e uma grande variedade de outros recursos necessários para o suporte de pacientes.

Apesar de seus custos serem aqui habitualmente o dobro dos cobrados nos países de origem, especialmente pela incidência de taxas de importação altíssimas — que não distinguem o essencial do supérfluo — consegue-se viabilizar a chegada desses itens aos brasileiros.

Durante o período de estabilidade econômica, os provedores de serviços da área de saúde, assim como de outras áreas básicas, como a educação, passaram por processos de reestruturação, buscando aprimorar sua qualidade e controlar melhor os custos.

É notável esse esforço na área da saúde, que aderiu de forma expressiva a programas de qualidade. Absorveu-se, sem repasses, aumentos de custo, como taxas, insumos, juros e impostos e, inclusive, a CPMF (criada para suprir de recursos estritamente a área de saúde, lembrem-se?), que em breve estará sofrendo um novo aumento.

Quem, no setor, optou pela qualidade, continuou investindo no aprimoramento, ciente de que a má qualidade tem como vítimas óbvias seres humanos.

O que acontece agora? A especulação, irmã das crises e prima do oportunismo, grassa entre fornecedores de produtos médico-hospitalares e indústrias farmacêuticas, mostrando enorme deterioração ética e do bom senso.

O posicionamento especulativo e sem diálogo mostra uma extraordinária memória dos tempos de inflação galopante, lembrança da época em que os que mais adoeciam eram justamente os que trabalhavam duro, pois não usufruíam dos lucros fáceis do capitalismo selvagem e especulativo.

As empresas públicas e privadas não sobreviverão com os reajustes que têm sido propostos. Especialmente o setor público, no qual os preços praticados são significativamente maiores, sofrerá grandes danos.

É preciso evitar esse verdadeiro processo de autofagia, onde itens já disponíveis em estoque e pagos pelo preço da estabilidade são cotados por valores até 100% maiores e rasgam-se as cotações antigas (de uma semana antes). É necessária a busca de diálogo entre Governo, fornecedores de insumos médicos e farmacêuticos, prestadores de serviços assistenciais, financiadores e usuários para manter a harmonia e a lucidez. O objetivo final da saúde da população não pode ser perdido.

O cenário oposto é voltar à época em que, para diagnosticar pneumonia, o único recurso era encostar o ouvido nas costas do paciente; ou para diagnosticar diabetes era preciso esperar que as formigas fossem atraídas pela urina do doente, e somente contávamos com emplastros, sanguessugas, sangrias e chás, mesmo para graves doenças.

É um desastre permitir que ganhos individuais de alguns especuladores desencadeiem enormes perdas coletivas. Essa volta da manipulação especulativa, mascarada de inflação, deixará como produto os destroços do setor de saúde sem possibilidade sequer de tratar os "feridos".

Somente concessões de todos os elos envolvidos poderão encontrar as verdadeiras soluções.

ALEXANDRE ADLER é médico patologista clínico e professor de microbiologia e imunologia da Uerj.